

# A polêmica da editora *Darkside* com a *publi* do romance *Drácula*: configurações de práticas discursivas de sujeitos *booktubers* analisadas no viés foucaultiano

---

DOI: <http://dx.doi.org/10.21165/el.v55i1.3812>

**Danilo Vizibeli<sup>1</sup>**

## Resumo

O objetivo deste artigo é analisar discursivamente, por meio da perspectiva de Foucault, em contribuição à Análise do Discurso, uma série de vídeos de Tatiana Feltrin (2024), postados em *stories* de Instagram, sobre um acontecimento em que outra *booktuber* foi contratada pela editora *Darkside* para uma *publi* sobre o romance *Drácula*. Entretanto, na resenha é abordada a sinopse de um filme adaptado do romance e não do livro original em si. As análises caminham no intuito de apreender as configurações de práticas discursivas de sujeitos inseridos em “sociedades de discurso” (Foucault, 2010), que debatem e reverberam entre si os sentidos sobre os livros e a leitura e se subjetivam a partir de outra prática discursiva que parece estar evidente no fenômeno literário chamado *booktube*: o ato de mostrar-se leitor muito mais do que lê-lo, preconizando então que “a pessoa não leu o livro”, conforme pontua Feltrin (2024) em seu depoimento. Além dos apontamentos de Michel Foucault, as análises se subsidiam no historiador da leitura Roger Chartier (1999) para contextualizar os movimentos pelos quais passaram o livro e a leitura no decorrer dos tempos e na perspectiva retórica de Ruth Amossy (2017) para conceituar a polêmica como estratégia discursiva.

**Palavras-chave:** discurso; leitura; *booktubers*.

---

<sup>1</sup> Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas (IFSULDEMINAS), Pouso Alegre, Minas Gerais, Brasil; [danilovizibeli@gmail.com](mailto:danilovizibeli@gmail.com); <https://orcid.org/0000-0002-4456-0216>

# The polemic between Darkside publishers and the publishing of the novel *Dracula*: configurations of discursive practices of booktuber subjects analyzed from the Foucaultian perspective

## Abstract

The objective of this article is to discursively analyze, through Foucault's perspective, as a contribution to Discourse Analysis, a series of videos by Tatiana Feltrin (2024), posted on Instagram *stories*, about an event in which another *booktuber* was hired by the publisher *Darkside* for a publication about the novel *Dracula*. However, the review covers the synopsis of a film adapted from the novel and not the original book itself. The analyses aim to understand the configurations of discursive practices of subjects inserted in "discourse societies" (Foucault, 2010), who debate and reverberate among themselves the meanings associated with books and reading and subjectify themselves based on another discursive practice that seems to be evident in the literary phenomenon called *booktube*: the act of showing oneself to be a reader much more than being one, thus advocating that "the person has not read the book", as Feltrin (2024) points out in her testimony. In addition to Michel Foucault's notes, the analyses are supported by the reading historian Roger Chartier (1999) to contextualize the movements through which the book and reading passed over time and on the rhetorical perspective of Ruth Amossy (2017) to conceptualize the controversy as a discursive strategy.

**Keywords:** discourse; reading; booktubers.

## Introdução

Os livros e a leitura desenvolvem afetos, emoções e sentimentos que vão muito além da utilidade prática. A leitura apresenta múltiplas funções (busca de informações, conhecimento, lazer, êxtase etc.), que mexem tanto com o leitor que, além de ler, é preciso falar sobre, comentar, compartilhar. Com o advento das sociedades tecnológicas e dos aparatos digitais por meio do aperfeiçoamento e expansão da internet, singularidades leitoras são apresentadas em rede, como os chamados *booktubers*. O fenômeno já não é mais tão novo assim, porém ainda é preciso dizer do que se trata. São pessoas, geralmente mais jovens, que comentam livros na rede social audiovisual YouTube. O ponto de acontecimento – discursivo, que é o que nos interessa – irrompe a partir do momento em que os chamados *booktubers* se expandem para outras redes como o Instagram (*bookgram*), TikTok (*booktok*) e tantas outras. Começam, assim, a reverberar o que queremos discutir nesse artigo; aquilo que Foucault (2010 [1971]) chamou de "sociedades de discurso" e o que a resenhista *booktuber*, Tatiana Feltrin, autora do vídeo

que compõe o *corpus*<sup>2</sup> de análise do estudo aqui apresentado, chama de “comunidade de livros da internet”.

A atenção para tais comunidades nos impulsiona a partir do momento em que, num caminhar até então tranquilo de publicação de vídeos, resenhas, e as mais diversas formas peculiares de falar sobre os livros, como *bookshelf tour*, *bookhaul*, leituras coletivas e tantas outras, começa a haver um desmonte e uma autocrítica (e críticas aos outros *booktubers*) e uma espécie de celeuma e confusões, com brigas, apontamentos, julgamentos entre si. Tudo isso parece reverberar numa própria percepção dos *booktubers* de que talvez o que estejam fazendo não seja estimular a leitura, ou ler de fato os livros que apresentam, pois estariam falando e apresentando muito mais do que lendo. A leitura parece ficar em segundo plano para aparecer com maior evidência o objeto livro e seus impactos capitalistas como um produto e mercadoria fetichizada.

Este trabalho busca analisar, discursivamente e com Michel Foucault, dicotomias do tipo não-leitura/leitura, ver/ler, falar/interpretar, nessas comunidades de livros e leitores, a partir do enunciado da *booktuber* já citada, que é uma das pioneiras e uma das mais famosas do ramo na internet – Tatiana Feltrin –, que diz: “A pessoa não leu o livro”. Este enunciado é apresentado em uma série de vídeos postados nos *stories* do seu Instagram e compartilhados por outra *youtuber* em seu canal sobre um acontecimento recente em que outra *booktuber* foi contratada pela editora *Darkside* para uma *publi*<sup>3</sup> sobre o romance *Drácula*. Entretanto, na resenha é abordada a sinopse de um filme adaptado do romance e não do livro original em si; ambos guardam diferenças substanciais.

Como já dito, pensamos no conceito de “sociedades de discurso”, apresentado na aula inaugural de Foucault no Collège de France, em dezembro de 1970, e registrado no livro *A ordem do discurso*. Mais do que definir o que são tais sociedades é preciso pensar se os *booktubers* são uma sociedade de discurso e, caso sejam, quais os movimentos se articulam dentro dela. Tais sujeitos debatem e reverberam entre si os sentidos sobre os livros e a leitura e, dessa forma, se subjetivam a partir de outra prática discursiva que

---

2 O *corpus* da pesquisa foi composto a partir do olhar atento do autor aos acontecimentos que se dão na comunidade *booktube* no YouTube. Ao se deparar com a polêmica que estava acontecendo, a respeito da *publi* do livro *Drácula* e, ao verificar que Tatiana Feltrin (2024) gravara uma sequência de vídeos em *stories* para opinar e argumentar o acontecido, tal produção passou a compor o *corpus* do estudo aqui apresentado. Isso se justifica porque Feltrin é uma famosa *booktuber*, praticamente a primeira brasileira a praticar o que hoje chamamos de *booktube*, ou pelo menos, a que “viralizou” mais rapidamente e ganhou fama e, com isso, são trazidos apontamentos importantes para a configuração das práticas de leitura na atualidade, mediadas pelos *booktubers*. A materialidade do vídeo apresentado atendia aos objetivos de pensar nas “sociedades de discurso” de jovens leitores na internet com modos próprios de falar e se comunicar sobre os livros e pensar no movimento leitor questionando leituras outras ou até mesmo uma não-leitura.

3 *Publi*, uma abreviação de publicidade, é uma estratégia de *marketing* em que os influenciadores divulgam produtos ou serviços em seus perfis nas redes sociais em troca de remuneração. Por isso, a recompensa por esse trabalho inclui desde o pagamento em dinheiro, permuta e até mesmo descontos exclusivos (<https://www.portalinsights.com.br/>).

parece estar evidente no fenômeno literário chamado *booktube*: o ato de mostrar-se leitor muito mais do que lê-lo, preconizando então que “a pessoa não leu o livro”.

Além do conceito de “sociedades de discurso”, mobilizamos do arcabouço foucaultiano, em especial, os conceitos de prática discursiva e sujeito (Foucault, 2009), tendo em vista categorizar, interpretar e aprofundar os discursos que circulam nas redes sociais contemporâneas sobre os sujeitos leitores, perfazendo uma história discursiva sobre as práticas leitoras na virtualidade, que também se ancora nos postulados da história cultural da leitura, principalmente em Chartier (1998, 1999, 2019).

## **Discurso como prática de sujeitos perpassados pelo saber e poder**

Foucault abre sua aula inaugural, que culminou na publicação de *A ordem do discurso* (2010 [1971]) da seguinte maneira: “Mas, o que há, enfim, de tão perigoso no fato de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem indefinidamente? Onde, afinal, está o perigo?” (Foucault, 2010 [1971], p. 8). Ao desenvolver sua reflexão, ele pontua que a produção discursiva de uma sociedade é controlada por uma série de mecanismos internos e externos ao discurso. Com este filósofo da história das ideias e mentalidades, podemos pensar que os sujeitos *booktubers* falam e seus discursos proliferam nos vãos e desvãos das redes sociais. Proliferam tanto que de um formato ou de uma rede, tendo sua origem no YouTube, vão para outras redes, como temos agora, o *bookgram* e *booktok*. Onde mora o perigo? Tecer um viés crítico e pontuar se o fenômeno é bom ou ruim, ou questionar se eles incentivam a leitura e fazem as pessoas lerem mais, num Brasil que lê apenas 5 livros por ano (destes apenas 2,5 inteiros<sup>4</sup>), é um tanto perigoso na perspectiva discursiva. O que procuramos fazer é descrever e interpretar as inscrições discursivas, os movimentos dos sentidos e dos sujeitos e suas transformações ao longo do tempo. Transformações que se dão num ir e vir, no dito e no não-dito, nas ligações das discursividades e na historicidade que marcam a memória discursiva.

Caminhando nesse sentido, entender o que é o discurso, sob a perspectiva da Análise do Discurso (doravante AD), com base no pensamento foucaultiano – que muito contribuiu e trouxe questionamentos singulares sobre o discurso, o sujeito, o saber e o poder – torna-se necessário. No arcabouço foucaultiano, o tema do discurso esteve presente desde suas obras iniciais, como a *História da Loucura na Idade Clássica* (2014 [1961]), mas é em *A arqueologia do saber* (2009 [1969]), ao definir o seu método arqueológico, que o conceito ganha mais corporeidade, tratando o discurso como prática e como algo a mais do que apenas prática de linguagem. Nesta visão, a análise do discurso:

[...] consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas

---

4 Dados extraídos da Pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”, 5. ed. 2020, Instituto Pró-Livro.

que formam sistematicamente os objetos de que falamos. Certamente, os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse “mais” que é preciso fazer aparecer que é preciso descrever (Foucault, 2009 [1969], p. 55).

Dessa forma, o analista do discurso busca as minudências que podem não estar visíveis, não aparentes e não são neutras e isentas de posicionamento. Todo discurso é construído por sujeitos e estes, por sua vez, são perpassados pelos mecanismos de saber e poder da sociedade onde estão inseridos. Compreender o sujeito na perspectiva que adotamos é tomar o conceito não como algo do individual, do sujeito psicológico ou biológico, ou até mesmo o sujeito da História e da Sociologia. É claro que estes dois últimos campos do conhecimento se articulam na concepção do sujeito foucaultiano, mas não só. Para Foucault, o sujeito não é algo definido, único, neutro e estanque. Outros dois significantes importantes para a conceituação do sujeito foucaultiano são a descontinuidade e a dispersão. Foucault não trata da história contínua ou segmentar, mas a vê como um movimento contraditório entre continuidade e descontinuidade, entre manutenções e rupturas. “Na análise proposta, as diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos *status*, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso, na descontinuidade dos planos de onde fala” (Foucault, 2009 [1969], p. 61).

Portanto, analisar o discurso é verificar essas dispersões e o que elas indicam – em termos discursivos – nas atribuições de sentidos às práticas destes sujeitos, inscritas numa historicidade em uma dada sociedade. O sujeito *booktuber* é um posicionamento do sujeito da leitura e, ao mesmo tempo, um posicionamento de um indivíduo que se marca como sujeito em outras várias instâncias. Foucault (2009 [1969], p. 61) constata que:

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos.

E é porque o discurso se dá nesse “espaço de exterioridade” formando uma “rede de lugares distintos” que o discurso é controlado e que as palavras proferidas circulam, ressignificam-se e se tornam perigosas. É o que o filósofo francês vai desenvolver logo em seguida, em 1970, na aula inaugural no Collège de France. Esse controle se dá porque “sabe-se que não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa” (Foucault, 2010 [1971], p. 9). O interessante de se observar tanto no movimento *booktuber*,

quanto nos vídeos da rede social audiovisual YouTube, no geral, é que parece que esses mecanismos de controle discursivos começam a se afrouxar na virtualidade, uma vez que todos podem gravar um vídeo e fazê-lo circular amplamente. Mas, o que se nota nesse movimento é que apesar de todos (ou quase todos) poderem gravar vídeos, postar, tecer comentários, criticar, julgar os vídeos uns dos outros, a plataforma YouTube se configura por meio de nichos, grupos, o que chamaríamos de sociedades que ao mesmo tempo que subvertem um pouco desse controle discursivo são os próprios sujeitos discursivos que controlam suas produções discursivas. Com isso, nos ancoramos em Foucault sobre os procedimentos de controle do discurso quando ele trata de um terceiro grupo de procedimentos os quais “trata-se de determinar as condições de seu funcionamento, de impor aos indivíduos que os pronunciam certo número de regras e assim de não permitir que todo mundo tenha acesso a eles” (Foucault, 2010 [1971], p. 36-37). Aproveitamos essa contribuição foucaultiana, uma vez que os vídeos de *booktubers* seguem dinâmicas, estéticas e modos de dizer próprios. Assim, nesse controle discursivo, apregoa Foucault (2010 [1971], p. 38-39):

A forma mais superficial e mais visível desses sistemas de restrição é constituída pelo que se pode agrupar sob o nome de ritual; o ritual define a qualificação que devem possuir os indivíduos que falam (e que, no jogo de um diálogo, da interrogação, da recitação, devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados); define os gestos, os comportamentos, as circunstâncias, e todo o conjunto de signos que devem acompanhar o discurso; fixa, enfim, a eficácia suposta ou imposta das palavras, seu efeito sobre aqueles aos quais se dirigem, os limites de seu valor de coerção.

E ainda: “Com forma de funcionar parcialmente distinta há as ‘sociedades de discurso’, cuja função é conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (Foucault, 2010 [1971], p. 39).

Mais adiante, terminando a argumentação, Foucault vai dizer que as sociedades de discurso com seus segredos e suas práticas escondidas não são mais tão comuns na atualidade, mas que mesmo em discursos abertamente publicados e circulados ainda se pode ter características desses segredos, dessas regras próprias (Foucault, 2010 [1971]). Neste aspecto, os *booktubers* são sujeitos em suas práticas discursivas perpassados pelo saber e pelo poder que se constituem em sociedades de discurso ressignificadas, não mais secretas, mas que se organizam com suas regras próprias e que com isso até regulam os discursos uns dos outros. Por outro lado, praticam rituais nas práticas leitoras da atualidade que advêm de outros lugares, de outros discursos, mas que seguem formas muito próximas. Assim é que toda uma liturgia, ao ligar a câmera e começar a falar sobre livros, é desenvolvida e quando esta liturgia não é obedecida ou é subvertida gera alvoroço na comunidade e é preciso que alguém autorizado como Tatiana Feltrin

tome a cena, e defenda veemente esse funcionamento próprio do *booktube*. Antes de mostrar isso com mais amplitude, abordaremos as comunidades leitoras, sobre as quais Chartier, ao analisar sociedades da Europa entre os séculos XIV e XVIII, já falava. Como são as comunidades leitoras da atualidade? Tentaremos adentrar nessa discussão.

## **“Comunidade de livros da internet”: outros sentidos para a leitura no século XXI**

Em dado momento de sua fala nos vídeos curtos de *stories* do Instagram, que foram coletados por uma *youtuber* e divulgados no seu canal com o título: “*Tati Feltrin desabafa sobre influencers literários, Darkside e clubes de assinatura de livros*”<sup>5</sup>, Tatiana Feltrin (2024) usa a expressão “comunidade de livros da internet” que seria formada pelos *booktubers*, *bookgramers*, e *booktokers*<sup>6</sup>, entre outros.

Não é de hoje que os leitores se agrupam em comunidades. Essas comunidades congregam entre si os objetivos de suas leituras. Cada agrupamento desenvolve o que Chartier chama de “maneiras de ler”. Para o historiador da leitura, “uma história das maneiras de ler deve identificar as disposições específicas que distinguem as comunidades de leitores e as tradições de leitura” (Chartier, 1999a, p. 13). Podemos dizer que são dessas disposições específicas que estamos tratando na comunidade *booktuber* da internet. Tais disposições são feitas, segundo Chartier (1999a, p. 13), com diversos contrastes.

Há contrastes, igualmente, entre as normas e as convenções de leitura que definem, para cada comunidade de leitores, os usos legítimos do livro, as maneiras de ler, os instrumentos de procedimentos da interpretação. Contrastes, enfim, encontramos entre os diversos interesses e expectativas com os quais os diferentes grupos de leitores investem a prática de leitura.

Não é de hoje, também, que as comunidades *booktubers* vêm sendo analisadas e examinadas por diversos pesquisadores. As análises e os estudos se voltam – nas mais diferentes perspectivas – para tentar entender e diagnosticar, como diria Foucault (2009 [1969]), “uma história do presente” e as possibilidades e articulações desses produtores de vídeos sobre livros e leitura na internet. Sabemos que os interesses e expectativas dos *booktubers* seguem uma espécie de liturgia, a qual já abordamos acima. Trata-se de vídeos, por exemplo, de resenhas de livros, *bookshelf* tour (um passeio pelas estantes), *bookhaul* (vídeos para mostrar os livros que foram adquiridos ou chegaram pelas editoras que são

---

5 Vídeo: *Tati Feltrin desabafa sobre influencers literários, Darkside e clubes de assinatura de livros* (Canal Inês Souza, no YouTube). Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h7Mnt\\_1jM4g](https://www.youtube.com/watch?v=h7Mnt_1jM4g). Acesso em: 3 set. 2024.

6 Cada uma destas práticas diz respeito ao fato de comentar livros e executar outras práticas leitoras na internet nas mais variadas redes sociais: YouTube (*booktuber*); Instagram (*bookgramer*); TikTok (*booktokers*).

parceiras dos *youtubers*), leituras coletivas (em que se lê “conjuntamente” determinado livro pré-escolhido). Há ainda o questionamento do incentivo ou não à leitura, uma vez que as práticas *booktubers* são encampadas pelas práticas mercadológicas, tanto que, para muitos destes sujeitos, trata-se de uma profissão.

A dissertação de mestrado de Barbosa (2023), intitulada *O papel da comunidade Booktube na difusão e recepção da literatura canônica entre os jovens*, traz reflexões interessantes sobre tal comunidade de leitores, inclusive unificando-a como a “comunidade Booktube”. Citando uma das transformações pelas quais as práticas de leitura passaram ao longo do tempo, que é a passagem da leitura em voz alta para a leitura silenciosa (Chartier, 1999b), Barbosa (2023, p. 23) assim discorre sobre a comunidade *booktube*:

Hoje, vemos essa leitura em voz alta (de trechos, capítulos de livros ou mesmo poemas e contos inteiros) acontecendo recorrentemente em vídeos de *booktubers*. Nesses casos, ela é usada como forma de atrair o leitor, de mostrar que o texto em questão vale, de fato, a leitura. Após a leitura dos trechos, o espectador do vídeo é convidado a interagir manifestando sua opinião sobre o que foi lido através da aba Comentários. É comum nessa comunidade que o sentido do que se lê seja construído em grupo. Essa leitura mediada por um *booktube* é também um novo modo de ler que surgiu na contemporaneidade.

Barbosa (2023), discorrendo sobre características da comunidade *booktube*, chama a atenção para uma especificidade, que é um ponto muito marcante no *corpus* que estamos analisando: a interação. Não que as comunidades leitoras dos séculos passados não interagissem, mas neste século XXI a interação se dá por meio de tecnologias digitais e as formas de dizer sobre o livro e a leitura são as mais heterogêneas possíveis, até mesmo em tom de briga ou de “puxão de orelha” em seus seguidores, como o faz Tatiana Feltrin (2024). Barbosa (2023, p. 24) pontua que:

O leitor contemporâneo é atraído pela possibilidade de interação durante o ato de leitura. Assim sendo, desejam a autonomia que possibilite participar ativamente da construção de significado de suas leituras, comentar e até mesmo modificar o sentido das histórias. A comunidade *online* alvo central desta pesquisa abre espaço para a interação que a leitura de hoje necessita, espaço para que vozes sejam ouvidas e opiniões disseminadas.

E a disseminação das opiniões não são apenas sobre certos livros ou certos autores, mas também acerca das próprias práticas dos leitores quando se é possível, inclusive, perceber que “a pessoa não leu o livro”. As vozes ouvidas não são também só ouvidas, mas entram em embate e conflitos, muitas vezes devido a interesses mercadológicos e disputas não só de capital social, mas também de remunerações, parcerias, ou seja, de capital financeiro mesmo.

Nessa inscrição dos *booktubers* num sistema capitalista e num capitalismo que se desenvolve com características próprias dentro das redes sociais, é preciso verificar também quando se trata da leitura como prática de consumo. Sobre isso, Aguiar (2024, p. 2) ressalta: “Dessa maneira, mesmo que não sejamos influenciadores digitais no sentido profissional, ainda assim nosso consumo de bens culturais, em tempos contemporâneos, cada vez mais é marcado por uma dimensão híbrida entre ser consumidor e ao mesmo tempo criar conteúdos”.

O vídeo de Tatiana Feltrin (2024) rompe com estruturas vigentes dentro desta comunidade *booktuber* em que se constata a não leitura por meio dos próprios *booktubers* e fica evidente as *performances* em torno do consumismo e de um mercado livreiro que faz com que o “mostrar-se leitor” seja mais operante do que de fato lê-lo. É essa ruptura que mostraremos nas análises que se seguem.

## **“A pessoa não leu o livro”: ruptura na prática discursiva na comunidade de livros da internet**

“A pessoa não leu o livro”. Esse enunciado é uma das primeiras constatações de Tatiana Feltrin (2024), em um depoimento sobre a polêmica com a *publi* da editora *Darkside*, em que a *booktuber* se coloca num lugar de autoridade para proferir tal discurso que advém de sua prática, de sua *expertise* e fama, pontos estes demonstrados em seus dizeres. Ela fala para a comunidade de livros da internet caracterizada, como vimos anteriormente, numa ritualística e ao mesmo tempo como uma sociedade de discurso – ressignificada, entretanto –, ao distribuir entre si a produção discursiva “somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distribuição” (Foucault, 2010 [1971], p. 39). A sequência discursiva 1 traz o começo do depoimento de Feltrin (2024).

### **SD 1:**

Então vamos lá! Vocês realmente querem conversar comigo sobre este assunto aí do *Drácula* né, dos últimos dias. Tudo bem, a gente conversa. Sobre essa questão aí da editora que contratou um *publi* e o *publi* na verdade foi do filme e não do livro. Tudo bem, a gente vai conversar sobre isso. Não tem problema nenhum. Só que não vai ser bonito e eu vou cavar um buraco muito mais fundo. Vocês têm certeza? Então vamos lá. Primeira coisa que você precisa ter em mente é que essa não é a primeira vez que isso acontece, nem com esta editora, nem com exatamente este mesmo livro. Existe um *publi* rolando aí em vídeo sobre este livro há anos só que é sobre o filme, claramente é sobre o filme. **A pessoa não leu o livro.** Então quem leu identifica. Mas é uma coisa mais velada, não é uma coisa escrachada como esse videozinho aí que tá rolando nos últimos dias.

Na sequência discursiva apresentada acima, tudo leva a apontar que os seguidores de Feltrin (2024) solicitaram a ela que comentasse o ocorrido. Dessa forma está instaurada uma polêmica cujo ponto central é o enunciado “a pessoa não leu o livro”. Ele demonstra que o incentivo à leitura que os *booktubers* vêm causando nem sempre é de fato advindo de uma prática verdadeiramente leitora. Amossy (2017), em seu *Apologia da polêmica*, discorre sobre o fato de a polêmica ser vista com maus olhos na sociedade em geral, mas que a mídia divulga e movimenta este tipo de discurso com certa frequência. Para a autora, que advém dos estudos retóricos, o dissenso – ou seja, a contrariedade nos discursos – não trata de ser positivo ou negativo, mas é ao mesmo tempo formas de discursividades que colocam os sujeitos na produção de sentidos. Segundo Amossy (2017, p. 7): “É necessário evitar a reprovação que estigmatiza um discurso dito parcial e marcado pela paixão, uma palavra violenta incapaz de contribuir para o bom desenvolvimento do debate razoável do qual se nutre a democracia”. É por isso que Feltrin (2024) pede desculpas pela agitação da polêmica que causará. Contudo, este movimento faz deslizar sentidos outros na prática dos *booktubers* em que eles mesmos se autorregulam e verificam se há ou não leitura.

O termo comunidade de livros é designado pela própria *booktuber* em:

**SD 2:**

Como eu não tenho ternurinha nenhuma no coração com relação à internet e às pessoas da comunidade de livros que é uma comunidade de farinha pouca meu pirão primeiro...

Com esse jargão, Feltrin (2024) já estabelece pistas iniciais para o funcionamento de tal comunidade. Logo em seguida, aparece uma fórmula reiterada e repetida: “Você merece...”.

**SD 3:**

Então você aí que bateu palma durante algum tempo pra algum destes itens, **você merece. Você merece** tá... resenha de filme como se fosse resenha de livro; **você merece publi** velado, tá? O canal se tornou um canal de *publi*, mas não tem marquilha de *publi* em lugar nenhum. Você nunca é avisado. **Você merece** não ser avisado quando se trata de um *publi*. **Você merece** resenha de orelha de livro. “Tá, é pra num dar *spoiler*. Não quero dar muito detalhe do livro porque eu não quero dar *spoiler*. Mas eu li até dois livros este mês, porque eu faço leitura dinâmica”. **Você merece** porque você bate palma para isso. Vai dizer que não? **Você merece** clube do livro pago, tá, que traz conteúdo absolutamente chupinhado de um *site* chamado Course Hero que é um *site* em inglês né? [...]

**Você** também **merece** resenhas que são totalmente chupinhadas, que têm um roteiro totalmente chupinhado de canais de direita tá? [...] **Você** também **merece** conteúdo totalmente chupinhado dos áudios do professor José Monir Nasser, porque os áudios são ruins né, são meio né, uma coisa assim meio chiada. [...] **Você merece** também resenha de *Trilogia de Copenhagen*, em que a pessoa que tá te apresentando o livro vai chamar de procedimento cirúrgico inúmeros abortos feitos pela autora do livro. Aquilo ali é uma autobiografia. Ah vai lá, você faz alguns procedimentos cirúrgicos. **Vocês merecem**. Vocês também merecem dancinha com livros na Bienal do Livro. **Vocês merecem** resenha rasa.

Feltrin (2024) se coloca no lugar de autoridade dentro dessa comunidade ou sociedade em que pode ofertar aos seus discípulos desavenças ou insinuações sarcásticas, porque, afinal, eles aderiram a outra proposta que não a dela. E como a comunidade se autorregula, Feltrin (2024) cumpre aqui esse papel regulador. Ao insinuar o que merecem aqueles que apoiam a tal resenha feita através de um filme e não de um livro, ela dá a punição da sociedade de discurso para os seus membros e ainda elenca uma série de práticas que são do universo *booktuber*, mas que não configuram a leitura. Práticas que escondem movimentos leitores, que supostamente mostram que o sujeito leu, mas não passam de um teatro e de uma exacerbação do *marketing* e dos recursos capitalistas.

O que é rompido na estrutura da prática discursiva é que, uma vez que os canais literários, *booktubers*, *booktoks*, *bookgrams*, e toda a sorte de redes e aparatos parecem ter um papel de incentivar a leitura e debatê-la, aqui o que emerge é o contrário, uma não-leitura. Anteriormente colocado às escondidas, era o fato de que os *booktubers* não leem todos os livros que resenham. Ao aparecer uma *influencer*, assim também chamada, que faz uma *publi* de um filme dizendo se tratar do livro – já que as duas versões guardam diferenças bem acentuadas –, esse movimento enunciativo sai do ofuscado e escondido e ganha o dito em sua inteireza, pois:

#### **SD 4:**

É muito livrinho pra ler né? Manter um Instagram literário dá muito trabalho. Preciso de uma equipe.

Isso é possível pois,

#### **SD 5:**

Ninguém vai perceber, né? Ninguém lê calhamaço. [...] Então sim meus amigos, vocês merecem influenciador de milhões, tá?, recebendo *publi* gordo pra falar de livros que eles não leram, mas o vídeo é tão legalzinho, tão descolado né, ela é tão legal.

A sociedade de discurso controla até mesmo o que se divulga e circula dentro dela. Por isso, estamos tratando os *booktubers* como uma prática discursiva e, porque assim, a comunidade sofre controles discursivos como os apresentados em *A ordem do discurso* (Foucault, 2010 [1971]), sendo um deles as sociedades de discurso.

Por fim, são citados mecanismos que evidenciam esse fato de burlar e tapear os leitores, dizendo que se leu e, na verdade, não leu, como: a utilização do Course Hero, um *site*, onde se é possível buscar resenhas escritas das quais muitos *booktubers* fazem uso em suas produções; os vídeos do já falecido professor José Monir Nasser (1957-2013) e livros que trazem pontos discordantes e são mal produzidos para Feltrin (2024) como *Trilogia de Copenhagen: Infância, Juventude e Dependência* (Tove Ditlevsen, 2023, [1917-1976]) e *House of Leaves*, na tradução em português *Casa de Folhas* (Mark Z. Danielewski, 2024 [2000]).

Apesar de a polêmica tentar ser evitada por Feltrin (2024), para nós, analistas do discurso, que nos interessamos por observar como se dá o movimento leitor no século XXI, ela é um acontecimento discursivo, uma vez que não temos mais o mesmo modo de se falar dos livros. No movimento e história da leitura, falar sobre livros e, ainda mais, sobre livros que não foram lidos, tornou-se prática comum. O que agora se transforma e reorganiza os dizeres sobre o livro e a leitura é a interação mediada pelas redes sociais, que coloca comunidades leitoras para serem administradas pelo mecanismo da *web*. Ler e estar na *web* parece se tornar sinônimo, visto o número impressionante de canais no YouTube e perfis no Instagram e no TikTok que se dedicam a tal intento.

Próximo ao fim do vídeo, Tatiana Feltrin (2024) chama a atenção para traduções ruins e para o fato de a responsabilidade por essa situação ser atribuída apenas ao tradutor e não ao editor, mesmo sendo este último o grande responsável por aceitar a publicação e chancelá-la. Neste momento, a *booktuber* faz gestos corporais com a mão como a encenar um juiz que sanciona a pena, se referindo às editoras que dão o aval para a publicação. Por fim, ela escancara toda uma ótica capitalista que há por trás do movimento *booktuber* e em toda a dinâmica do YouTube:

#### **SD 6:**

Existe um sistema por trás de tudo isso. Isso é uma coisa triste se você parar pra pensar. A gente vive num país em que as pessoas leem muito pouco e isto está acontecendo com os livros, mas eu não vou ser Poliana aqui com vocês não. Isso acontece em qualquer mercado. Isso é pra gente aprender mais uma vez que o mercado literário é um MERCADO! – [força a entonação] –, tá? Então a gente precisa perder essa ternurinha no coração. [pausa] Enfim!

Atendendo a essa ótica de mercado, a formação discursiva do capitalismo é uma das formações nas quais se inscrevem as práticas dos *booktubers*. Da leitura por lazer ou diversão, ou por conhecimento, passa-se a priorizar a leitura como moeda, uma vez que os *booktubers* mais famosos fazem das suas atividades uma “indústria” com rituais próprios, assim como nas sociedades de discurso. É por isso que se pode averiguar em todas as sequências aqui apresentadas que, pela perspectiva de Feltrin (2024), que escancara e faz a autocrítica do sistema *booktube*, os discursos se movimentam nas dicotomias não-leitura/leitura; ver/ler; falar/interpretar. O que se sobressai são imagens do que é a leitura e do que é ser um leitor e não a prática de fato em si. Por isso, para aqueles que se adentram na comunidade *booktube* não importa de fato se o livro é lido ou não e, por isso, o “você merece” de Feltrin (2024). A leitura de fato acaba sendo apagada pela não-leitura. A leitura como movimento de interpretação, de criticidade e de construção artística dá lugar à visualidade: o filme que é abordado no lugar do livro, dando margens à segunda dicotomia ver/ler. E, por fim, não importa o que se diz, desde que quem fala seja alguém renomado na comunidade e, portanto, autorizado para tal. Dessa forma, o movimento de interpretação fica de lado, para falar mais do que interpretar. Nesse sentido, defendemos em outro texto (Vizibeli, 2016) que as críticas feitas pelos *booktubers* diferem da crítica profissional. Outros autores como Aguiar (2017) defendem que elas guardam semelhanças. Semelhanças até podem existir, mas não podemos tratar todos os *booktubers* como iguais. Existem resenhas mais elaboradas e outras não. Porém, a partir do movimento que notamos nos dizeres da própria *booktuber* Tatiana Feltrin (2024), essa prática se tornou um sistema e, porque assim, a crítica literária praticada por estes sujeitos não segue o mesmo mecanismo da crítica tradicional.

Reiteramos aqui o excerto da última SD que diz: “A gente vive num país em que as pessoas leem muito pouco e isto está acontecendo com os livros, mas eu não vou ser Poliana aqui com vocês não. Isso acontece em qualquer mercado”. O jogo se quebra. O não-dito passa a ser dito e podemos ter possibilidades de acontecimentos que trazem sentidos em novas configurações de práticas dos sujeitos *booktubers*, pois como apregoa Foucault: “O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta” (2010 [1971], p. 26). Os acontecimentos à volta do enunciado “a pessoa não leu o livro”, mostram reverberações na comunidade *booktube*, em que se quebra a liturgia até então praticada (leituras coletivas; passeio pela estante ou *bookshelf* tour; *bookhaul*; *unboxing* etc.) e quebram-se as regras dessa sociedade: a comunidade de livros da internet, a comunidade *booktube*.

## Considerações finais

Não se pode fechar um assunto como o tratado neste artigo apenas em um texto breve como esse. Contudo, mostramos que o sistema de comunidade de livros na internet é uma prática contemporânea dos modos de dizer sobre a leitura no presente e que agrupa sujeitos ocupando posições diversas, como a posição reguladora e autoritária de Feltrin (2024). As diferentes posições-sujeito marcadas nessas comunidades configuram uma prática discursiva da polêmica e da polifonia sobre os livros e a leitura.

O acontecimento discursivo da *publi* do livro *Drácula* movimenta sentidos de que, participando da comunidade de livros da internet, o adepto precisa ser fiel a ela e cumprir os protocolos por ela estabelecidos. Falar de livros é prática antiga. Em outras épocas, havia as colunas de jornal impresso e ainda há clubes de livros e tantos outros mecanismos, os quais também participam das configurações de práticas de leitura dos *booktubers*, *bookgrams* e *booktoks*. A interação mediada pelas redes sociais é o ponto de novidade que essas práticas ganham e que repercute na constituição dos sujeitos leitores.

Depoimentos ou discursos, como o de Tatiana Feltrin (2024), também carregam afetos e sentimentos, pois conforme têm mostrado os trabalhos de Piovezani, Curcino e Sargentini (2024), fazem parte de um sujeito imbricado nas teias não mais apenas do saber e do poder, mas alimentado por convicções que somadas às de outros sujeitos nas mesmas condições levantam outras práticas discursivas para o livro e a leitura. Há disputa, há jogo, há competitividade e quando isso acontece é preciso ficar atento, pois o objetivo principal da leitura, ou seja, ler de fato pode estar ficando escondido. Pode haver uma fetichização do objeto livro e da própria prática da leitura fazendo que, com isso, os livros sejam mais vistos do que lidos, mais falados do que interpretados e que, portanto, tenhamos muito mais a não-leitura do que a leitura.

Por outro lado, atividades como essas dos *booktubers* chamam para si sujeitos que até então não tinham uma certa afeição e regularidade com a prática da leitura. Contudo, é preciso questionar também quem são os públicos consumidores dessas comunidades *booktubers*, uma vez que a desigualdade do acesso à internet ainda é enorme no Brasil. Se, mesmo em meio a uma comunidade que fala de livros e os consome, ainda há pessoas se dizendo leitoras e que não leram o livro do qual se vai falar, como poderemos garantir o acesso da leitura a todos?

Todos os questionamentos aqui apontados provocam, e não é o intuito ter as respostas prontas e acabadas, mas que nossa escrita possa gerar ainda outras polêmicas que precisam ser geradas, uma vez que, como mostra Amossy (2017), o dissenso pode garantir a democracia. A voz divergente de Feltrin (2024) é enfática, autoritária e se vangloria, mostrando que ela sim lê os livros que resenha, porém quebra e demarca uma ordem que indica que os próprios *booktubers* necessitam sair da inércia, da rotina e do sistema do qual fazem parte, precisam debater entre si. Trata-se de uma comunidade de livros, uma sociedade de discurso com seus rituais e regras próprias, mas que se abre para possibilidades outras da leitura de fato e não apenas do falar sobre ela.

## Referências

AGUIAR, C. Booktubers e o legado da crítica de rodapé: mediação cultural e impressionismo crítico. *Todas as Letras: Revista de Língua e Literatura*, v. 26, n. 1, p. 1-13, 2024. Disponível em: <https://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/view/16848>. Acesso em: 27 set. 2024.

AGUIAR, C. A crítica literária na internet: literatura contemporânea brasileira e valores literários nas críticas de booktubers. In: *Anais do XV Congresso Internacional da ABRALIC – Associação Brasileira de Literatura Comparada*. Rio de Janeiro: [s. n.], 2017.

AMOSSY, R. *Apologia da polêmica*. Tradução R. B. W. S. Pinto et al. São Paulo: Contexto, 2017.

BARBOSA, D. V. O. *O papel da comunidade Booktube na difusão e recepção da literatura canônica entre os jovens*. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.

CHARTIER, R. *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. Trad. Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Editora UNESP, 1998.

CHARTIER, R. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Tradução M. del Priore. Brasília: Ed. da UnB, 1999a.

CHARTIER, R. As revoluções da leitura no ocidente. In: ABREU, M. (org.). *Leitura, história e história da leitura*. Campinas: Mercado das Letras, 1999b.

CHARTIER, R. Ler sem livros. In: *revista Linguagem*, São Carlos, v.32, Número temático. Discursos sobre leitores e leitura: suas representações simbólicas como tema de pesquisa. dez/2019, p. 6-17.

DANIELEWSKI, M. Z. *Casa de folhas*. 2. ed. Rio de Janeiro: Darkside, 2024.

DITLEVSEN, Tove. *Trilogia de Copenhaga: infância, juventude e dependência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

FELTRIN, T. Depoimento sobre polêmica com resenha do livro Drácula, da Editora DarkSide. In: SOUZA, I. *Tati Feltrin desabafa sobre influencers literários, Darkside e clubes de assinatura de livros*. YouTube, 2024. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=h7Mnt\\_1jM4g](https://www.youtube.com/watch?v=h7Mnt_1jM4g). Acesso em: 27 set. 2024.

FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Tradução L. F. B. Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Tradução L. F. A. Sampaio. 20. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

FOUCAULT, M. *História da loucura na Idade Clássica*. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2014.

PIOVEZANI, C.; CURCINO, L.; SARGENTINI, V. (org.). *O discurso e as emoções: medo, ódio, vergonha e outros afetos*. São Paulo: Parábola, 2024.

VIZIBELI, D. Contrastes entre a crítica literária especializada e amadora: os *booktubers* e os discursos sobre o livro e a leitura. *Texto Livre*, Belo Horizonte, v. 9, n. 2, p. 1-12, 2016. DOI: 10.17851/1983-3652.9.2.1-12. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/textolivre/article/view/16723>. Acesso em: 21 set. 2025.